

FERNANDO SEGISMUNDO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 11/09/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Nasci em 5 de julho, na Europa. Meus pais estavam viajando e eu nasci em Braga, se não me engano, acho que é Braga – sou bracarense –, sim, Braga. 1915. Estou velhinho, não é?

E o seu nome completo é Fernando Segismundo...

Fernando Segismundo Esteves. Como eu gosto muito de Segismundo, deixo o Esteves de lado, mas meu nome completo é Fernando Segismundo Esteves.

Qual era o nome da sua mãe e o que ela fazia?

Minha mãe era Paulina do Nascimento Esteves. É uma criatura que nasceu para felicitar os outros. Foi enfermeira. Era uma pequena burguesa, modesta, estudou, fez curso de especialização. Era requisitada pelas senhoras grã-finas da época. “Paulina, vem me dar uma injeção. Paulina, vem tomar minha pulsação. Paulina, vem aqui...” Diziam que quando ela colocava a mão, a pessoa melhorava logo. Isso eu ouvi de várias pessoas. Pediam para ela por a mão, só isso. Ela tinha mãos santificadas. Ela era modesta de cultura, mas muito inteligente. A prova é que fez um filho dessa maneira. Brigou com meu pai – ele não teve classe – porque descobriu que ele tinha uma outra mulher, com filhos, na mesma rua onde morávamos. Ela o expulsou de casa. Mamãe contava que ele dizia: “Quero ver como você vai criar o nosso filho sem mim.” E ela respondia: “Melhor do que você vai criar os seus.” Eu sou um produto de mulher, com muita honra.

Seu pai foi governador?

Sim, mas não aqui. Foi em Portugal. Ele era português.

Qual era o nome dele?

Antônio Augusto Segismundo Álvares Pereira. Família Álvares Pereira. Eu tinha uma prima que dizia para mim assim – para eu me orgulhar: “Primo, nós somos descendentes dos nobres”, e eu respondia: “E eu com isso? Uma cambada de safados, exploradores do mundo inteiro, da Ásia, da África e do Brasil. Eu não tenho nada a ver com isso.”

O senhor começou sua carreira no jornalismo muito jovem. Como isso aconteceu na sua vida?

Muito facilmente. Eu passei em um concurso público muito jovem. Um dos cidadãos que também entrou comigo, que já era um homem feito – eu era garoto, tinha 18 anos –, me disse: “Você tem um estilo de falar e de escrever interessante. Você já foi jornalista?” Ele me botou em um jornal antigo chamado *A Pátria*. Era um jornal mantido pela colônia portuguesa, mas era um periódico brasileiro sobre assuntos nacionais. Ele me botou lá. Eu não recebia, mas gostei, porque naquele tempo eu era solteiro e o trabalho no jornal era à noite. Então, eu saía de lá meia-noite, às vezes duas horas da manhã, e não havia assaltos, não havia esses problemas de hoje. Eu voltava para casa, na Tijuca, de bonde. Eu me tornei jornalista assim: acompanhava pessoas mais velhas na redação que apostavam em mim, por eu ser um jovem estudante. Primeiro, estudei no colégio Pedro II, depois, logo que acabei os estudos, prestei concurso e fui ser professor – profissão que exerci durante 37 anos. Aliás, eu vivo da aposentadoria do colégio. Paralelamente a isso, eu trabalhava no jornal *A Pátria*, que pagava uma porcaria de salário no fim do mês. Fui indo e me desenvolvendo, até que alguém me disse: “Olha, tem um jornal aí que tem uma vaga, é um jornal bom, que paga bem... *Diário de Notícias*.” Fiz uma prova de seleção, consegui passar e eles me deram o emprego. Realmente era um jornal importante, foi um dos maiores jornais do Rio de Janeiro. *Diário de Notícias*! Agora ninguém fala nele, acabou. Sempre gostei muito de imprensa. Trabalhei em jornais bons, jornais medíocres, pagos, não pagos. Mas estamos aqui, vivos.

O senhor começou a trabalhar em jornal antes do Estado Novo. Como eram os jornais do Rio de Janeiro nesse período?

Esses jornais, de uma maneira geral, eram uma bagunça danada. Não era uma imprensa boa, não, era uma imprensa que extorquia o governo falando mal dele.

Durante o Estado Novo, o senhor era estudante. O senhor se meteu em alguma encrenca durante a ditadura de Getúlio Vargas?

Nós, estudantes, aprontávamos. Eu aprontei muito. Aliás, de certo modo, eu tive certas facilidades mais tarde por causa de uma dessas. Eu estava na faculdade de

Direito – já estava no terceiro ou no quarto ano, não me lembro mais – e houve uma reunião qualquer no Catete. Havia muita gente na porta. Vi uma mocinha choramingando e um sujeito dando uma sacudidela nela. Nunca permiti agressão a mulher. Sempre disse: “Perto de mim, mulher não apanha. Eu apanho, mas ela não.” Então, segurei o camarada, ele me ameaçou, discutimos, nos xingamos e acabamos trocando socos por causa dela, uma menina que eu nem sabia quem era. Quando acabou a brincadeira, eu perguntei a alguém: “Quem é essa nossa colega?”, e disseram: “Não é colega, não. Ela mora logo ali.” A faculdade de Direito era colada ao Palácio do Catete. E a menina era a Alzirinha [Alzira Vargas], filha do Getúlio Vargas. Ela quis me apresentar ao seu ilustre pai. Fui lá conhecê-lo. Ele me disse: “Muito obrigado, você defendeu minha filha.” Era um trote que iam dar nela, um trote pesado, estúpido. Apanhei por causa dela. O Getúlio ficou encantado comigo. No dia seguinte fui convidado para trabalhar no Palácio do Catete, como funcionário público. Eu pensei: “Que isso?! Que coisa horrorosa!”

Como era o Getúlio Vargas que o senhor conheceu?

Era um homem encantador. Muitas vezes não pude ir trabalhar porque tinha que viajar a serviço do jornal. Getúlio dizia: “Se você tem que fazer isso, então vá.” Outras vezes ele me mandava visitar seu pai no Rio Grande do Sul. “Como está o pai?”, ele me perguntava. O pai dele estava ceguinho e surdo, coitado. Eu chegava lá e ele dizia: “Como está meu filho?” Era uma coisa, choro para cá, choro para acolá. Mas com isso, sobrevivi. Consegui ficar até hoje de pé [risos]. Getúlio sempre me perguntava se ele poderia me ajudar em alguma coisa. Eu respondia que sim, mas pedia favor para algum amigo, nunca para mim. Eu não precisava de nada, era solteiro, bem nascido, tinha automóvel, casa, comida e dois empregos, o que eu poderia querer do Getúlio? Fui burro! Hoje eu me arrependo de não ter dito que eu queria ser senador da República. Ele era um homem admirável! Não era nada do que se dizia. Levaram um homem bom a se matar.

Como era a relação de Getúlio com a imprensa, com os jornalistas?

Até onde eu percebi, o Getúlio foi vítima de muita coisa. Dizendo isso, alguns podem me compreender mal. Ele foi gentil comigo, mas nunca recebi nada do Getúlio, nunca. Eu sempre fiz concurso, meu emprego no colégio Pedro II foi por concurso. Estudei sete anos no colégio, depois fui professor durante 37 anos, mas por concurso. Eu achava o Getúlio um homem extraordinário, ficávamos os dois a sós, conversando. Ele nunca botou um guarda perto de mim. Eu estava à disposição do Catete. Então, tinha que ir para lá, todas as tardes eu ia para lá. Os guardas já me conheciam, me levavam ao terceiro andar, às vezes a senhora dele

estava até deitada no quarto vizinho. Ela vinha, ela e a nora: "Ah, vocês já estão aí trabalhando." Então, Getúlio me pôs à sua disposição: viajava para ele, fazia o que ele me pedia. Prestava conta de tudo: passagens de avião, hospedagem, alimentação, tudo. Getúlio era um homem muito prático, agradável e simples. Tenho muita saudade do Getúlio. O que falavam sobre ele, não era nada daquilo. Getúlio era um homem simplório, semiculto, ele entendia apenas era de militarismo, mas como civil. Era um homem tolerante, compreensivo, não fazia fuxicos, nunca me fez perguntas embaraçosas, nunca. É uma figura em quem penso até hoje. O que fizeram com ele foi uma coisa horrível.

O Getúlio tem uma importância também na história da ABI [Associação Brasileira de Imprensa], não tem? A questão do terreno...

A rigor, o Getúlio fez tudo, porque o Herbert Moses [ex-presidente da ABI] – meu queridíssimo Moisés, eu o chamava de Moisés e ele achava graça – era um homem extraordinário. O Moses era muito hábil. Em primeiro lugar, era um homem rico, era um dos maiores acionistas da Companhia Souza Cruz de cigarros. Nunca fumou. Naquele tempo eu fumava de vez em quando e nunca vi o Moses fumando. Além disso, era um dos diretores do jornal *O Globo*. Morreu o velho Irineu Marinho, o novo [Roberto Marinho, filho de Irineu Marinho] assumiu o jornal. Era rapaz, farrista, queria se divertir; isso eu assisti de perto, a fase do Roberto solteiro. Então, nessa época, o Moses é quem mandava no *O Globo*. E tinha autoridade moral e material. Era uma figura encantadora.

O senhor acha que a imprensa foi responsável pelo suicídio de Getúlio Vargas?

A imprensa acolhia a UDN [União Democrática Nacional]. A UDN mandava em quase todos os jornais, a começar pelo meu, o *Diário de Notícias* – que era uma vergonha! –, um jornal udenista. O jornal publicava o que a UDN queria. Eu e outros recusávamos certas coisas – eles não podiam nos mandar embora, porque nós tínhamos muitos anos de serviço e eles teriam que pagar muito alto pelas leis trabalhistas. Então, ficávamos lá. Eu nunca escrevi uma linha contra o Getúlio. Nunca. Diziam que eu era pago para obedecer. "Não. Eu tenho alma", eu respondia. Fizeram banditismo com o Getúlio. Não sou político, não fiz política partidária, mas conheci o Getúlio de perto. Era um grande brasileiro, um patriota, homem de bem, honrado, sério, limpo. Nunca foi larápio, nunca fez mal a ninguém. Tinha a sua idéia política, é claro, era um conservador. O Getúlio foi vítima, a imprensa o massacrou. Ele foi tragado pelos lobos.

O senhor acredita que essa campanha da imprensa contra o Getúlio tinha relação com o passado de perseguição do Estado Novo à imprensa?

Talvez tivesse um pouco das raízes, mas, no fundo, era a UDN que queria governar. Precisavam tirar o Getúlio de qualquer maneira, por bem ou por mal. A UDN eram os militares, evidentemente.

O senhor tinha alguma relação com partidos, com grupos políticos?

Eu não fazia vida partidária, não queria nem devia, mas tinha simpatia pelo Partido Comunista. Eles sabiam disso e me tratavam muito bem.

Essa simpatia já lhe trouxe algum problema em algum momento?

Trouxe. Fui preso duas vezes por participar de passeatas. Passei mal na cadeia, dormi de cara no chão. Para me humilhar, nem jornal me davam. Mas, felizmente, nunca peguei doença nenhuma [risos]. Conheço bem a cadeia, passei várias temporadas lá, nunca achei ruim, nunca me queixei. Na polícia, na Rua da Relação, alguns dos meus carcereiros, hoje senhores, que naquele tempo estavam começando a vida militar, me tiram o chapéu até hoje: "Como vai, professor?" Eu digo: "Oh, apesar dele, vou bem" [risos].

Essa prisão foi no Estado Novo ou na ditadura militar?

Na ditadura militar. Eu não fazia nada de mais, não era integralista, não era fascista, não falava bem do Plínio Salgado [jornalista fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB)], então... era comunista. Realmente, a minha tendência era à esquerda, mas não era comunista atuante, nada disso. Fui preso várias vezes. Lembro-me como se fosse hoje que, a primeira vez, eu era ingênuo, fiquei preso o dia todo de castigo, de pé contra a parede, cansado. Quando anoiteceu, no escuro, levavam um caldo, uma coisa horrível. Na hora de dormir, eu perguntei: "Onde vou dormir?" "Aí", responderam. "Mas aí onde?" "Aí, no chão". E eu botei esta carinha no chão. Nunca peguei doença nenhuma, engraçado. E conseguia dormir.

Nessa época o senhor já atuava na ABI?

Não, era apenas sócio. Fui sócio desde cedo. Assim que pude entrei para a ABI, mas era mais conhecido como professor do que como jornalista, porque eu era do famoso Colégio Pedro II. Na prisão, houve momentos duros. Sábado e domingo era uma tragédia: ficar sozinho, de pé, ou então sentado no chão, ou deitado. Era um castigo mesmo. Não me batiam, não me socavam, era um maltrato de ordem moral. Mas nunca me deram um empurrão. Tenho colegas que apanharam muito, me contaram coisas horríveis. Naturalmente, eles xingavam, reagiam. Tenho o

seguinte princípio: se me meti em uma encrenca é porque eu quis me meter, então, agora, aguento. Nunca disse um palavrão, nada disso. E acabava assim: "Professor, telefone para o senhor." Eu ia atender: "O que há, minha filha? O quê? As cruzadas?". E eu dava aula de História por telefone [risos]. Com isso, minha situação melhorava. Não a ponto de me darem uma cama, dormia no chão mesmo, de cara no chão, mas estou aqui, vivo, felizmente.

O jornal em que você trabalhou por mais tempo foi o *Diário de Notícias*.

Por quanto tempo?

Por mais ou menos 30 anos.

O que significou o jornal *Diário de Notícias* na sua vida?

O jornal *Diário de Notícias* foi um grande jornal, essa é a verdade. Era um jornal democrático – devo ser honesto –, rigorosamente democrático, muito bom. A UDN mandava e a UDN era democracia para um grupo, não para o povão todo. Mas o jornal era limpo, vivia de anúncios, não de cavações, golpes ou algo parecido. Foi um dos melhores jornais que eu já conheci. Era bem escrito, por gente muito importante: era o jornal dos militares, eles caprichavam, mandavam assuntos. Eu tinha uma boa impressão do *Diário de Notícias*, embora eventualmente fosse partidário ao grupo deles. Dentro do possível, era um jornal muito correto, muito decente, muito limpo – não tenho nada contra o jornal. Para a imprensa da época, foi um jornal líder. Pagava mal, às vezes não pagava, a mim mesmo ficaram devendo muito dinheiro, mas paciência. Eu permaneci porque era um jornal realmente limpo. Quando dizíamos: "Sou do *Diário de Notícias*", as pessoas respeitavam.

Esse período é anterior ao *lead*, ao texto jornalístico mais objetivo.

É, isso é verdade.

O senhor pode falar um pouco sobre como era o texto jornalístico nessa época?

Havia determinados jornalistas para determinados assuntos. Por exemplo, para a área militar havia jornalistas especializados. Esses textos passavam sempre por algumas mãos, até mesmo o que eu escrevia. Eu era editorialista, um cargo muito complicado, porque estava sempre zangado comigo mesmo. Eu sabia e fazia o que o jornal pensava, e não o que eu pensava. Eles acreditavam em mim, apostavam em mim, sabiam que eu era honesto, capaz. Muitas vezes, às dez ou onze horas da noite, me telefonavam: "Você pode vir aqui? Aquele editorial que você fez hoje de

manhã já está velho, obsoleto, a coisa mudou.” Então, ou me apanhavam em casa de automóvel ou eu escrevia de casa e eles buscavam o novo editorial. Confiavam muito em mim, porque eu dizia: “Aqui não tenho bem querer, aqui eu faço o que o jornal quiser. Só se for uma coisa muito sórdida, aí eu não faço.” Sabia que a opinião do jornal era aquela, não a minha. Mas fazia com dignidade, com correção, porque eu era pago, não tinha o meu nome embaixo. Não tenho queixas contra o jornal *Diário de Notícias*. Era realmente o jornal líder na época. Só *O Estado de S. Paulo* competia. Era bem escrito, bem pensado, com colaborações de pessoas importantes. Sabíamos quem escrevia, mas seus nomes não saíam: professores, comerciantes, industriais – políticos faziam, ajeitavam, cortavam, emendavam. Era um jornal da chamada alta burguesia. Havia jornais que atacavam um grupo, um comércio, uma indústria, para buscar dinheiro depois. O *Diário de Notícias* não.

O senhor nessa época já era professor e escrevia muito sobre Educação nos jornais no país, não é?

Bastante.

A imprensa daquela época estava atenta aos problemas sociais do país como, por exemplo, o analfabetismo?

Ela estava muito atenta, e isso é curioso. Hoje em dia isso surpreende, porque talvez tal atenção seja vista como uma coisa natural. Mas naquele tempo, não. Naquele tempo o que dava força ao jornal era política ou crime. Voltar-se para um assunto mais grave, mais solene, era realmente uma exceção.

Em sua opinião, qual foi a importância do Herbert Moses como presidente da ABI?

O principal mérito do “Eriberto Moisés” – como eu o chamava – foi ser um homem de muito equilíbrio. Ele foi um homem admirável, um democrata e um pequeno burguês, homem que gostava de ganhar dinheiro. Era visceralmente um homem de notícias, de jornal. É curioso isso. Ele trabalhou com o Roberto Marinho e com o velho Marinho [Irineu], o pai. Todos nós, jornalistas da época, direta ou indiretamente, precisamos, um dia, do Moses – eu inclusive. Algumas vezes precisei dele para sair de casa. Eu pedia para telefonarem, porque eu não podia aparecer, e o Moses mandava me buscar. Só assim a polícia afrouxava o cerco. Uma vez minha casa estava cercada pelo Exército e minha mulher conseguiu telefonar para ele. O Moses interveio e resolveu o problema. Era sempre assim. Ele tinha muita força na polícia e no Exército, sabiam que ele era um homem de equilíbrio. Ele dizia: “Eu gosto muito de dinheiro, gosto de ganhar dinheiro, vocês

dão-se ao luxo de serem comunistas e socialistas, mas eu não, eu quero ser rico.” Ficamos muito amigos, gostava muito dele, era um homem muito tolerante e compreensivo. Ele viajava bastante, porque o Marinho o explorava muito. Os funcionários eram esquerdistas, aloprados, malucos e ele tinha uma paciência com a gente. Tenho muitas saudades do Herbert Moses. Eu aprendi isto com ele: para conviver bem com os outros, deve-se ser tolerante.

Quando acaba o Estado Novo [1945], como foi, para a imprensa, voltar à democracia?

Não havia, a rigor, um cerceamento da imprensa. Havia o poder. Se a imprensa, por conta própria, se segurava e, sobretudo, se aceitava certas teses, certos interesses de quem mandava, de quem dirigia o país, então a imprensa não encontrava problemas. O cerceamento, na verdade, era por meio do DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda, criado por Vargas em 1939]. Se os jornais não “obedecessem” o governo, o DIP, que distribuía dinheiro, não dava dinheiro para aqueles jornais. Funcionava assim. Por outro lado, quem “colaborasse” com o governo, recebia dinheiro do DIP. Muitos jornais e jornalecos viviam às custas dessa pseudo-harmonia, ou harmonia forçada; aceitavam essa relação com o Estado.

O fim dos anos 50, e os anos 60, foi um período de grandes acontecimentos na ABI. Por exemplo, o Fidel Castro, quando vem ao Brasil, em 1959, e dá uma entrevista coletiva na ABI.

Sim, a ABI era uma espécie de bálsamo. Geralmente, uma pessoa importante que viesse ao Rio de Janeiro, tinha que ir à ABI, era uma necessidade. Ela tinha uma projeção muito grande. A casa era muito poderosa, ali se tramava muita coisa. Eu me lembro que o jornal mais importante daquela época era o *Correio da Manhã*. Praticamente havia uma sala do jornal na ABI. Os diretores e editores do jornal iam para lá e ficavam, sábado, domingo, o dia que quisessem. Havia muitas recepções na ABI para pessoas importantes. Era uma casa realmente importante. Hoje acho que a ABI nem existe. Todos estão muito bem comportados, o proletariado não manda em nada, quem manda são os proprietários. E os proprietários são sábios, sabem até onde podem ir, não abusam demais, não criam problemas. Se pensarmos bem, a ABI teve, antigamente, um certo renome, porque era uma época fora do normal. A liberdade tinha que ser conquistada dia a dia. O mundo era duro, sério, havia restrições de todos os lados.

O senhor acha que a ABI perde força quando a capital passa para Brasília?

Perdeu. E hoje, não existe. Também, a rigor, não há necessidade. Às vezes eu pergunto a mim próprio. Não há problemas, não há censura, não há jornais fechados, não há jornalistas presos, espancados. Isso tudo acabou. As coisas mudaram, os tempos mudaram. Não é porque a capital mudou para Brasília, não. É que mudou tudo, o mundo mudou. Por exemplo, os Estados Unidos mandam no mundo, mas mandam suavemente. A União Soviética acabou, não existe mais. Que eu saiba, não existe comunismo no mundo, não há campanhas comunistas, não há atrocidades, não há nada! Hoje a Rússia é um país como outro qualquer. Faz comércio com o mundo que ela outrora combatia. Era outra vida, outra época. Foi, aliás, uma época terrível. Em certos aspectos, foi terrível. Eu mesmo fico pensando: eles iam à casa da gente, batiam na porta e prendiam sem mais nem menos. Uma vez eu perguntei: "Mas cadê o mandado de prisão?". Responderam: "Não, não tem documento nenhum. Mandaram prender, tá preso. Vai reagir?" Eram dois homens armados. Não reagi, é claro. Isso hoje seria impossível. Foi uma época realmente terrível, para o mundo inteiro. Mas acabou. Felizmente acabou.

O senhor acha que a imprensa daquela época era mais plural do ponto de vista dos posicionamentos políticos do que é hoje?

Era. Com certeza. Não havia esse uníssono de hoje. Havia tendências para a esquerda, para a direita, para o centro, para grupos. As coisas nunca são as mesmas, as coisas ou evoluem ou involuem, mas não são sempre iguais. Foi uma época tenebrosa. Rússia de um lado, Estados Unidos do outro. A nossa dependência do comércio com os Estados Unidos era absoluta. Não se podia sair fora desse esquema. Espero que aquilo não volte nunca mais.

O senhor, em 1957, foi secretário geral do Congresso Nacional dos Jornalistas. Qual foi a importância desse congresso de jornalistas?

Os congressos, que costumavam acontecer de ano em ano, eram uma maneira de unir a categoria profissional. Os jornalistas não eram unidos. Já havia sindicatos, mas não havia harmonia. Então, esses congressos eram para aproximar mais os jornalistas, justamente porque cada um vivia no seu estado, de costas para o outro. Hoje, acho que um congresso de jornalistas não teria razão de existir. Naquele tempo tinha, porque era a maneira de a gente estar juntos, tramar, atuar. Hoje, não há problemas. Às vezes penso que está uma mansidão incrível, tudo harmonioso. Não há mais necessidade de congressos, de mais nada.

O senhor participou também da revista *Diretrizes* na época do Estado Novo?

Indiretamente. Eu gostava muito do Samuel Wainer, que era o diretor. Ele foi meu colega de colégio, meu amigo. Mas ele não foi feliz com essa revista. Ela não pegou. O Samuel era um lutador, um homem de fora, de família judia – havia um certo preconceito com judeus –, mas ele era um homem muito evoluído, trabalhador, de ideias. Trabalhei para ele desinteressadamente, sem carteira assinada, sem salário, sem nada. De vez em quando, eu dava uns palpites. O Wainer não era muito culto, mas se esforçava e acertava no que fazia. Pessoa assim a gente tem que considerar.

O senhor falou do Wainer. Na sua opinião, quem são os grandes nomes do nosso jornalismo, pessoas que construíram o nosso jornalismo?

O Wainer é um deles, com certeza. O jornalismo do meu tempo era curioso: era um jornalismo de diálogos, nós éramos sonhadores. Hoje acho que a imprensa é muito mais limpa, mais correta, mais sensata. Tenho uma boa impressão da imprensa de hoje. Tanto a carioca como a de São Paulo, que são as duas que conheço melhor. E a imprensa não é mais só a escrita, é também a falada. Hoje há muitos meios de uma notícia chegar ao conhecimento público.

O senhor conviveu com Assis Chateaubriand?

Não. Eu o conheci, mas nunca trabalhei com ele. Chateaubriand tinha uma fama horrível, era muito mal visto pela categoria dos chamados bons jornalistas, mas era um empreendedor, inegavelmente um homem de ideias e de fazer coisas. Era um grande trabalhador. Mas para ele a imprensa era mais um negócio do que propriamente um ideal. Nós, os líricos, não tínhamos a responsabilidade que eles tinham de nos pagar e manter a casa aberta. A imprensa era de grupos poderosos, para pessoas cavadas de dinheiro. Uma imprensa limpa, isenta de defeitos, era difícil.

O senhor viveu duas ditaduras: a do Estado Novo e a militar. O que havia de comum e de diferente entre elas?

[Risos]. Não sei bem, acho que nunca pensei sobre isso. A rigor, e que eu me lembre, havia mais identidade do que distância. Civil ou militar, ditadura é ditadura. É um poder único, forçado e forçante. De modo que não há uma diferença considerável. Ditadura é ditadura. Manda quem pode e obedece quem tem juízo.

E em relação à ditadura militar, como o senhor acha que a imprensa se comportou durante aquele período?

A imprensa teve juízo, porque em ditaduras, e na militar principalmente, deve-se ter cuidado. O fato de haver uma ditadura já cria um cenário em que a pessoa, se tem juízo, toma cuidado, não avança. Quem soube manter-se com os ditadores é porque era experiente, vivido, já sabia ou já havia vivenciado certas situações. Não é difícil enfrentar a ditadura: a pessoa que tem discernimento. Se ela não quer padecer, não precisa se adaptar, mas não deve enfrentar, afrontar. Deve deixar as coisas correrem até se exaurirem. Tudo tem um começo, um meio e um fim, que dependem do tempo e da capacidade do indivíduo. Nada que existe é definitivamente difícil ou complicado. A gente tem que ter a percepção e a habilidade de transitar ou de sair fora.

O senhor ocupou a presidência da ABI em três momentos diferentes. Como foi essa experiência?

De um modo geral, não foi má. A ABI é curiosa, foi criada para reunir jornalistas, fazer deles uma força, se não de atuação, de resistência. Há uns 50 anos, no meu tempo, a coisa era complicada. Então, a ABI foi, de fato, uma casa de amparo, de sustentação de certos princípios, por mais que ela fosse cheia de governistas. Não dominada por eles, mas eles também estavam lá. A casa sempre contou com pessoas de bom senso, de boa vontade, que freavam destemperos que, de vez em quando, a deslocavam. Sendo assim, em tese, o papel da ABI foi bom. De todos nós, Moses era o mais inteligente, o mais capaz. Eu tive a sorte de trabalhar com ele.

Qual é a sua lembrança sobre a atuação de Prudente de Moraes Neto, outra figura importante na ABI, eleito presidente da associação em 1975?

Eu e Prudentinho, como o chamávamos, estudamos juntos no Colégio Pedro II. Fomos amigos, tínhamos um bom relacionamento. Prudente era filho de político famoso, era mais político do que administrador, não tinha envolvimento com o Herbert Moses ou propriamente com a ABI, não sentia a ABI como nós a sentíamos. Fui eu, por exemplo, que o obriguei a ser presidente da casa, quando o Moses disse que sairia. Moses queria que eu o substituísse, porque eu era secretário da casa no tempo dele. Mas eu achava que a ABI precisava ter um nome forte. Então, como eu e o Prudentinho éramos camaradas de toda a vida, eu disse "Vai você". Ele acabou indo. Prudente não foi um presidente maravilhoso, não gostava do que fazia, mas ninguém é obrigado a fazer algo que não quer. O Prudente era um homem culto, bem nascido, advogado, atendia grandes causas. Ele era uma figura. Infelizmente, não deixou nada escrito, não escreveu nada, era cético, gostava muito de farrear. A

gente dizia: "Prudentinho, escreva alguma coisa, deixe algum trabalho". Mas ele nunca escreveu nada. Foi uma pena.

E sobre o Barbosa Lima Sobrinho, quais são suas lembranças?

Barbosa foi presidente da ABI quando eu ainda não estava lá [durante seus 103 anos de vida, Barbosa Lima Sobrinho exerceu três mandatos: 1926-1927, 1930-1932 e 1978-2000]. Eu já tinha por ele uma grande admiração e respeito. Quando convivemos, ele já estava um pouco doente, eu ia visitá-lo em sua casa. O filho de Barbosa Lima, Fernando, que também era jornalista, dono de rádio, não se envolveu com a ABI. Um dia o procurei, mas ele disse: "Ah, eu não me meto, já basta o papai." Há pouco tempo, Fernando esteve na ABI, mas morreu e acabou não fazendo nada. Barbosa não: gostava da casa, confiava na gente e a gente o auxiliava muito. Eu achava o Barbosa Lima um grande brasileiro, um patriota, homem de bem, homem respeitável, homem pobre, homem trabalhador, que tinha seu emprego, vivia disso. Podia ter ganhado muito dinheiro, mas era um homem muito respeitável. Foi muito bom trabalhar com ele e ter a sua confiança. Ele chegou a ser presidente sem querer – não queria mais, coitado. Já estava doente, não tinha mais saúde, não sentia mais vontade, mas o mantivemos por ele ser um homem respeitável e sério. Esse foi o Barbosa Lima Sobrinho que eu conheci.

O senhor teve algum tipo de envolvimento com o Sindicato dos Jornalistas?

Sou um dos fundadores do sindicato. No começo, com muitos planos, fundei uma escola lá, fui professor de jornalismo e de outras disciplinas. Com o tempo, começou a ficar um pouco diferente, entraram pessoas que não tinham a mesma linha que eu. Para não me aborrecer nem aborrecê-los, fui saindo de mansinho. Há muitos anos não vou ao sindicato, mas a minha mente é realmente sindicalista. Eu estava um pouco deformado quando passei a atuar no meio, considerava o sindicato um adversário do patrão. Mas não: deve-se procurar o entrosamento, não virar as costas, porque se virar as costas, surge a briga. Durante algum tempo, organizei cursos lá dentro para os jornalistas: cultura geral, coisas que eu podia oferecer, que eu podia ensinar, de graça. Quando a coisa se firmou, saí. Não tenho frequentado, mas quero que o sindicato resista, seja normal, nada de assombroso, mas que funcione. Há muito tempo eu fui me isolando, me afastando, não tinha mais empenho, entusiasmo, saúde. Temos que dar a vez aos mais novos, a pessoas com mais entusiasmo.

Quando eu comecei a trabalhar na imprensa o problema era a exploração. Eu também fui explorado, mas conscientemente. O *Diário de Notícias* não me pagava, mas eu, com o consentimento deles, publicava matérias, amigos meus publicavam

artigos, assinados ou não, teses, interesses. Então, indiretamente, eu recebia pagamento. Mas o Sindicato dos Jornalistas nunca funcionou, porque subentende-se que serve para lutar por nossos salários, por vantagens. Eu hoje não posso falar muito, porque não estou na atividade, não sei se pagam bem ou mal. Hoje, o que sei é que não recebo um níquel. Passei pelo seguinte desgosto: todo mês a contribuição para o INSS vinha descontada no *Diário de Notícias*. Todo mês, durante anos, eu acreditei que fosse o correto. E quando precisei de alguma coisa, fui ao sindicato: "Mas o senhor nunca pagou", disseram. "Eu nunca paguei? Pagava, todo mês", respondi. "Não, nunca pagou nada. Você não tem direito a nada." O jornal recolhia o dinheiro, mas não repassava. Eles descontaram, mas botaram no bolso. Vivo apenas da aposentadoria do magistério. Nada vem do jornalismo.

Na época de criação do Sindicato os patrões exploravam muito os jornalistas?

Cada jornal tinha a sua condição, não havia uma unanimidade. Conheci jornalistas que faziam de tudo para entrar em um jornal, porque ganhavam dinheiro de outra maneira fora dele. Os donos fechavam os olhos. Eu conheci, na imprensa, gente que ganhava a vida muito bem com uma renda indireta.

Como educador, o senhor acredita que a imprensa também tem uma função de instruir a sociedade?

Tem. E se não tem, deveria ter. A imprensa tem um alcance muito grande, circula diariamente e influi diretamente. Precisa de moral, normas de conduta - caso contrário, é uma tragédia. Até onde eu percebo, de um modo geral, a imprensa não está má. Hoje, a imprensa é mais falada, os temas são improvisados, mas bem tratados. De minha parte, não há maiores queixas. A imprensa já foi um grande negócio ou negociata outrora. Acredito que hoje não está mais para isso, não, a coisa é mais séria.

Nossa última pergunta: qual sua opinião sobre essa iniciativa de registrar a memória do jornalismo?

Toda memória é boa quando ela tem finalidade boa. Então, só posso achar a iniciativa esplêndida, porque é bom recorrermos a quem esteve no fogo. Acho uma bela iniciativa, necessária, que deveria ser permanente, porque a imprensa também é permanente. Eu, hoje em dia, não sei se por não estar na ativa, tenho a impressão de que a imprensa é bem melhor do que outrora, quando era muito individual. O dono fazia o que queria. Hoje a imprensa é muito vigiada: anda na linha e todos podem saber que linha é essa. A questão é manter a linha. Houve

époças em que eu percebia que a imprensa servia para tomar dinheiro: “Vamos tomar dinheiro daquela empresa. Se não derem, a gente esculacha.” Inventavam muita coisa. Verdade ou mentira, publicavam. Hoje não se faz nada disso. Ou eu estou enganado. É isso aí [risos].